





144  
145  
146  
147  
148  
149  
150  
151  
152  
153  
154  
155  
156  
157  
158  
159  
160

# Letra de Indios

161  
162  
163  
164  
165  
166  
167  
168  
169  
170  
171  
172  
173  
174  
175  
176  
177  
178  
179  
180



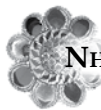
Eduardo Neumann



# *Letra de Índios*



Cultura escrita, comunicação  
e memória indígena  
nas Reduções do Paraguai



NHANDUTIEDITORA

Texto original: © Eduardo Neumann  
 Conjunto deste livro: © Nhanduti Editora 2015

Revisão e diagramação: Nhanduti Editora  
 Capa e arte: Nhanduti Editora. A caligrafia do título elaborada em base aos manuscritos de Hilario Yrama.

Por motivos de exatidão acadêmica e de respeito às fontes, estas foram reproduzidas em sua forma original, ou seja, com todas as particularidades históricas de grafia e todos os eventuais erros que contêm.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Neumann, Eduardo. Letra de Índios. Cultura escrita, comunicação e memória indígena nas Reduções do Paraguai. Eduardo Neumann. – São Bernardo do Campo : Nhanduti Editora, 2015, 240p.

Bibliografias.  
 ISBN 978-85-60990-22-1

1. História do Paraguai 2. Cultura e religião guarani 3. Literatura guarani  
 I. Neumann, Eduardo. II. Título.

CDD-989.203; 305.898382; 898.98382

### Índices para catálogo sistemático:

- |                                                                                                   |            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 1. História do Paraguai nos séc. XVI-XVIII :<br>História do Paraguai na época colonial, 1537-1811 | 989.203    |
| 2. Cultura e religião guarani e tupi-guarani :<br>Grupos étnicos – guarani                        | 305.898382 |
| 3. Literatura guarani :<br>Literatura de línguas indígenas sul-americanas                         | 898.98382  |

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

### Nhanduti Editora

Rua Planalto 44 – Bairro Rudge Ramos  
 09640-060 São Bernardo do Campo – SP, Brasil  
 11-4368.2035 nhanduti@yahoo.es / www.nhanduti.com







## Nota dos Editores



Este é o estudo mais exaustivo jamais publicado sobre as práticas escritas indígenas no mundo missionário guarani, os primórdios da escrita guarani. Foi um prazer enorme – como editores e especialistas em línguas – ajudar ao Dr. Eduardo Neumann a dar o passo final em sua tese de doutorado e apresentá-la em formato de livro. Temos certeza de que o nascimento do *Letra de Índios* será preciosa contribuição não apenas para pesquisadores acadêmicos de várias disciplinas, mas também para um público em geral que sabe das práticas escritas originadas nos povos do Antigo Oriente, porém, desconhece a existência da escrita antiga dos povos ameríndios.

Por isso, o nosso interesse foi, junto com o autor, zelar pela fidelidade aos textos fontes, escritos por atores indígenas concretos, e incorporados ampla e visivelmente nas páginas deste livro. Esse cuidado se traduz em proporcionar os textos antigos no formato mais próximo possível ao original, evitando transliterações e transcrições, e, em alguns casos, até criando letras ou sinais inexistentes em tipologias modernas atuais.

Historicamente, a terminologia guarani tem passado por muitas mudanças em sua escrita. Para que o leitor não se sinta confuso nos meandros da grafia guarani, optamos por padronizá-la. Assim, para uso de palavras e expressões não vinculadas a citações padronizamos a grafia conforme a última edição do *“Tesoro de la lengua Guaraní”* (2011), do *“Arte de la lengua Guaraní”* (2011) e do *“Vocabulario de la lengua Guaraní”* (2002) de Antonio Ruiz de Montoya. Para palavras e expressões vinculadas a citações mantemos a grafia do vocábulo ou expressão citada, mas a seguir aduzimos a versão conforme as obras de Montoya citadas acima, por exemplo: *“aobebé rerequara / aoveve rerekuára”*.

Finalmente, com o intuito de ressaltar a bela e surpreendentemente cuidada caligrafia indígena elaboramos uma tipologia de letra baseada nos escritos de Hilario Yrama e aplicamo-la no título do livro, como pode ser apreciado na capa. Esperamos, assim, contribuir para a valorização e apreciação de textos e formas de escrita de atores primordiais da história ameríndia, que durante séculos permaneceram não apenas esquecidos, mas sobretudo desprezados e desvalorizados.

A estruturação temática desta obra, seu tratamento rigoroso da informação, suas amostras de documentos escritos pelos índios, seus detalhados índices de

assentamentos e de pessoas cuidadosamente exumados a partir dos fragmentos documentais, que incluem atores indígenas como Felicitas, Christobal Capiy, Rafael Paracatú, Tomas Potira, Alejandro e Miguel Mbaruari, Pasqual Yaguapó, Christobal Eranda, Hilario Yrama, Miguel Guañurüma, Juan Antonio Curiguá, Primo Ybarendá, Valentin Ybariguá e Crisanto Nerenda, sua bibliografia completa e seu enfoque fazem deste livro uma obra de referência imprescindível.

Roaguyjeme'ẽ avei peẽme Hilario Yrama, Nicolás Yapuguay, Diego Inacio, Ignacio Ndachey ha opa ambue yvyporakuéra héra guarani ojehaíva mandu'apýramo ko kuatia "*Letra de Índios*" rehe. Roaguyjeme'ẽ peẽme, ikatúgui romyasãi opa rupi umi kuatikuéra pehaiva'ekue pene ñe'ẽme. Ha upéicha avei rojerovia ore katupyryhaguére romoherakuã ha roikuaa uka hağua pende rekovekue ha pende rembiasakue opa tetãnguéra rupi.\*

Nhanduti Editora

---

\* Agradecemos a vocês, Hilario Yrama, Nicolás Yapuguay, Diego Inacio, Ignacio Ndachey, e a todas as outras pessoas cujos nomes guaranis foram citados em forma de memória neste livro *Letra de Índios*. Agradecemos-lhes a possibilidade de divulgar por todos os lugares esses escritos que vocês escreveram na sua língua. Acreditamos que, assim, podemos também divulgar e tornar conhecidas suas vidas e suas histórias entre todos os povos.

## Sumário

<b>Palavras do autor</b> .....	13
<b>Prefácios</b> .....	17
<b>“O processo de urbanização, a escrita e a história     das Missões Jesuítico-guaranis do Rio da Prata     (Arno Alvarez Kern)</b> .....	19
<b>Paradoxos da missão     (Guillermo Wilde)</b> .....	23
<b>Introdução</b> .....	27
<b>Capítulo 1</b>	
<b>A conquista letrada guarani</b> .....	43
1.1 A língua guarani .....	43
1.2 Razão gráfica e transformação cultural .....	45
1.3 A redução gramatical da língua guarani .....	49
1.4 O guarani jesuítico ou missioneiro .....	54
1.5 Oralidade e cultura escrita nas reduções guaranis .....	58
<b>Capítulo 2</b>	
<b>Práticas da escrita indígena</b> .....	67
2.1 Alfabetização e elite letrada nas reduções .....	68
2.2 O cabildo e as lideranças nativas: a tensão entre caciques e corregedores .....	72
2.3 A delegação das práticas letradas nas missões .....	80
2.4 As congregações e as <i>nôminas</i> : modalidades de contatos com a escrita .....	86
2.5 Do <i>capitanejo</i> à visitação: o controle das práticas letradas .....	89
2.6 Cópia e tipografia nas reduções .....	93
<b>Capítulo 3</b>	
<b>A reação “escriturária” dos guaranis</b> .....	99
3.1 As manifestações letradas indígenas .....	101
3.2 As cartas escritas por índios .....	103
3.3 1754: a primeira campanha às reduções .....	111
3.4 Cartas a Paracatu: a escrita dos <i>mayordomos</i> .....	111
3.5 A Convenção de Paz de 1754 .....	113

3.6 De palavra e por escrito .....	116
3.7 Rebelião nas reduções orientais: a Guerra Guaranítica .....	119
3.8 A cruz inscrita .....	120
3.9 "Conteúdo hostil e impolítico": a oposição escrita indígena ..	123
3.10 As mensagens de Hilario Yrama .....	128

## Capítulo 4

<b>Entre a cultura escrita e a memória indígena .....</b>	<b>137</b>
4.1 A "colonização da memória": escrita e identidade .....	138
4.2 Os diários escritos por indígenas .....	143
4.3 A relação de Crisanto Nerenda: entre escrita pessoal e memória .....	147
4.4 Atas capitulares ou resenhas históricas? .....	152
4.5 Narrativa histórica .....	157
4.6 Escrita e memória indígena nas reduções .....	160

## Capítulo 5

<b>Escrevendo depois dos jesuítas .....</b>	<b>167</b>
4.1 A expulsão e as reformas nas reduções (1768) .....	168
4.2 A liberação da escrita indígena .....	169
4.3 Duas trajetórias guaranis .....	172
4.4 Novas modalidades de usos da escrita .....	178
4.5 Os memoriais indígenas .....	185

<b>Considerações finais .....</b>	<b>191</b>
-----------------------------------	------------

<b>Bibliografia .....</b>	<b>195</b>
---------------------------	------------

<b>Índices .....</b>	<b>235</b>
----------------------	------------

## Palavras do autor



Confesso que, durante muito tempo, fiquei me indagando se teria a disposição e disciplina necessária para transformar um texto originalmente redigido como tese de doutorado em um livro. Esta dúvida me acompanhou por alguns anos, em meio às iniciativas malogradas. Contudo, em um dado momento tomei a coragem necessária e comecei a trabalhar no texto. Foram várias as tentativas, pois a tarefa não era simples, no sentido modificar um texto já estabelecido de maneira a conferir a ele uma nova configuração. Porém, com o passar do tempo me senti provocado.

Portanto o que aqui apresento é um texto reelaborado com paciência e maturidade, sem a pressão dos prazos, em que procurei construir uma trama um pouco distinta da escrita da tese e na medida do possível atualizar algumas referências no tema, incluindo publicações posteriores a defesa, ocorrida em maio de 2005.<sup>1</sup>

Antes de me lançar a esta empreitada, ainda elaborei artigos e capítulos para livros - todos mencionados na bibliografia geral - a partir da pesquisa que resultou na tese de doutorado. Mesmo depois de divulgar o tema da escrita indígena nas reduções por meio destas publicações e através de apresentações em simpósios, seminários e congressos nacionais e internacionais constatei que ainda havia material inédito, que merecia ser divulgado. Assim, procurei organizar a trama desse livro de maneira temática procurando conferir inteligibilidade às situações registradas na documentação colonial.

Como muitos sabem, a trajetória que envolve um trabalho de investigação costuma ser longa e, por vezes, cheia de angústias e hesitações. A possibilidade de completar esta etapa, e superar as adversidades que se apresentam, está relacionada à solidariedade de algumas pessoas e instituições. Motivo pelo qual

<sup>1</sup> Neumann, Eduardo S. *Práticas Letradas Guaranis: produção e usos da escrita indígena (Século XVIII e XVIII)*. Rio de Janeiro: PPGHIST, Tese de Doutorado, 2005.

quero expressar meu agradecimento tanto a essas pessoas quanto às instituições envolvidas nesse período de qualificação.

Começo pelo Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela liberação de encargos docentes, condição fundamental para a consulta aos diversos arquivos e bibliotecas que permitiram a realização desse trabalho. Também agradeço aos colegas que iniciaram seus doutorados na mesma época e cidade, e que em algumas oportunidades me deram guarida: no caso a Cláudia Mauch e o Luis Alberto Grijó, além do Fábio que chegou ao Rio no ano seguinte com a mesma finalidade.

Quero agradecer ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao seu corpo docente. Especialmente a professora Andréa Viana Daher, minha orientadora durante o doutorado, e que não mediu esforços em viabilizar o que fosse necessário à execução desta tese.

À Capes/PICDT, pela concessão de uma bolsa de estudos que possibilitou arcar com os custos dos deslocamentos que a pesquisa demandava. À Capes agradeço especialmente a concessão de uma bolsa do Programa de Doutorado com Estágio no Exterior (PDEE), conhecida como “bolsa-sanduíche”, que viabilizou a consulta aos arquivos e bibliotecas espanholas, facultando o meu acesso ao universo documental, sejam fontes primárias ou de parte da bibliografia que compõem esta pesquisa.

Durante minha estada em Madri contei com a co-orientação do professor Dr. Fernando Bouza, catedrático de História Moderna da Universidade Complutense de Madri, que além de sugestões muito oportunas ao trabalho sempre contribuiu de maneira fundamental para viabilizar minhas atividades nas diferentes instituições de pesquisa existentes na Espanha. *¡Fernando, muchísimas gracias!*

Na Espanha fui muito bem recebido pelo professor Dr. Antonio Castillo Gómez, professor titular junto à Universidade de Alcalá. Antonio permitiu a minha presença, na qualidade de aluno ouvinte, às sessões de seu seminário de doutorado, “Leer y escribir en el Siglo de Oro”, a quem expressei meu enorme agradecimento por esta oportunidade de interlocução e pelo espaço de reflexão que constituíram suas aulas. *Gracias, Antonio.*

Não poderia deixar de mencionar o prof. Bartomeu Mélia um dos fundadores das *Jornadas Internacionales sobre las Misiones Jesuíticas* - importante evento que congrega pesquisadores-, destacando seu pioneirismo no estudo da língua e escrita em guarani nas reduções. Nesse tema, agradeço a Delicia Villagra-Batoux, que realizou as primeiras traduções que este trabalho requeria, vertendo do guarani missioneiro ou jesuítico para o espanhol alguns documentos. Também agradeço a Angélica Otazu, por aceitar o trabalho de tradução de outros documentos-chaves para a redação desta tese. Gostaria de agradecer especialmente pelas conversas com Serge Gruzinski, sempre estimulantes e motivadoras, tanto por seu refinamento como originalidade na pesquisa em História da América colonial.

Em Madri durante a minha estada conheci pesquisadores dedicados a temática colonial ou indígena como Capucine Bodin, Christophe Giudicelli e ainda contei com a colaboração de Beatriz Vitar, pesquisadora argentina radicada na Espanha, que compartilhou comigo sua experiência de pesquisa em temas correlatos. Ainda em Madri, reencontrei um casal de amigos, Carmen Garrido e Eduardo Sanchez, a quem agradeço os momentos de convívio e por expressarem suas diferenças castelhanas e catalãs diante de minhas indagações sobre uma Espanha tão diversa e plural. *Vale, tios!*

Na Argentina, agradeço a Guillermo Wilde pela amizade e acolhida em Buenos Aires e, principalmente, pela interlocução referente aos temas missionários. Até hoje seguimos dividindo opiniões e impressões sobre as potencialidades dessa temática à pesquisa, além de empreender atividades conjuntas. *Gracias, hombre.*

No que se refere às instituições, gostaria de recordar o Instituto Anchieta de Pesquisa (São Leopoldo, RS), em especial a sua secretária, Ivone, que permitiu meu acesso a biblioteca. Também agradeço ao Centro de Cultura Misioneira (CCM), em Santo Ângelo (RS), e à sua coordenadora, Claudete Boff, pela colaboração com minhas demandas de pesquisa. Também gostaria de agradecer a Isabel Aguirre, diretora do Archivo General de Simancas (Valladolid), por seu profissionalismo e competência, além da atenção dispensada aos pesquisadores que frequentam esse excelente arquivo.

E a fase de redação e conclusão de uma tese de doutorado, que costuma ser uma tarefa bastante solitária, foi superada graças às palavras de estímulo e incentivo de algumas pessoas, às quais gostaria de prestar meu agradecimento. Refiro-me, em ordem alfabética, a: Arno Alvarez Kern, Artur Henrique Franco Barcelos, Eduardo Salgado, Fábio Kühn, Fabrício Prado, e ao meu amigo e cunhado Temístocles Cezar. Vocês, cada um à sua maneira, foram o apoio necessário nos momentos mais críticos.

Para concluir dedico este livro a duas pessoas, meu filho Thales – uma inspiração para pensar a oralidade e os efeitos da escrita a partir de sua alfabetização – e minha esposa, Denise Jardim. O apoio e carinho constante de Denise foram fundamentais para que chegasse o momento do autor redigir estas palavras finais. Enfim, sou muito grato a Denise por sua disposição, sempre que possível, em me acompanhar nas tantas viagens que esta pesquisa demandou. Mas creio que esses foram os melhores momentos dessa longa jornada e de outras tantas que marcam nosso convívio.





## **Prefácios**



## O processo de urbanização, a escrita e a história das Missões Jesuítico-guaranis do Rio da Prata

Arno Alvarez Kern<sup>1</sup>



Ao longo do século XIX e durante muitas décadas do século XX, a historiografia tradicional relacionava a passagem da pré-história à história com a invenção e o uso da escrita. Esta seria a invenção primordial a nos separar da “selvageria” e da “barbárie” primitivas. Graças a ela teríamos iniciado a nossa trajetória de povos civilizados. Uma primeira consequência disto é que se deixavam à margem da História todos os povos ágrafos, pois apenas a redação dos documentos escritos seria importante para os estudos relacionados às civilizações. Uma segunda decorrência era ignorar as demais variáveis que acompanham o processo de urbanização: arquitetura monumental, a matemática, organização da sociedade em categorias funcionais, a criação de cidades, as religiões, o surgimento do Estado etc.

Durante muito tempo se acreditou que esta invenção da escrita teria ocorrido no Oriente Próximo, correspondente ao surgimento das primeiras civilizações. A escrita teria sido tão importante para a história da humanidade como a da máquina a vapor o foi para o início da Idade Contemporânea. Afirmou-se que em um período de tempo relativamente curto, por voltas do terceiro milênio antes de Cristo, as populações instaladas nas terras baixas do vale do Eufrates e no vale do Nilo teriam inventado a escrita. Uma explicação muito difundida apontava para a Mesopotâmia como local desta invenção e o ano de 3500 a. C. como a data mais provável. Necessidades comerciais e religiosas eram apontadas como as causas, sem maiores explicações.

Os historiadores tradicionais pensaram que estas inovações culturais, uma vez originadas em uma área delimitada do Crescente Fértil, teriam se expan-

1 Professor titular, pesquisador 1A do CNPq, Laboratório de Arqueologia da PUCRS.

dido posteriormente por todo o mundo. A humanidade ágrafa adquiria, agora, o seu maior instrumento cultural para tornar-se letrada. Livros sagrados, poemas, contos, leis, acordos políticos tornavam-se agora possíveis. Alguns autores, como Gordon Childe, chegaram mesmo a imaginar ter ocorrido uma “revolução urbana”, concebida de maneira “explosiva”, difundindo-se por todo o globo a partir do Oriente Próximo.

Atualmente se conhece muito mais a respeito de uma série extraordinária de transformações culturais que ocorreram nos primeiros milênios da história da civilização: surgimento das cidades e dos Estados monárquicos, da metalurgia de bronze e ferro, da irrigação fluvial e pluvial, do arado, da agricultura, da roda, da sociedade estratificada, da matemática, do comércio, da ciência etc. E também da escrita, é claro. Não teria existido apenas um centro histórico de transformações culturais no Oriente Próximo, mas em diversos lugares em todo o planeta.

As pesquisas arqueológicas se ampliaram na Europa e no resto do mundo, gerando novos conhecimentos. Sabemos com certeza que as transformações denominadas de “revolucionárias” da transição da pré-história para a história podem ser muito mais antigas ou muito mais recentes do que se imaginava inicialmente. Muitas das invenções atribuídas a este período ou são muito anteriores ou posteriores ao ano de 3500 a. C. e surgiram ao longo de um panorama hoje conhecido de aproximadamente 10.000 anos. Estas novas cronologias oportunizadas pelo Carbono 14 tornam difícil o uso do conceito de “revolução” e da crença no caráter explosivo dela.

Sabemos muito bem hoje que estas importantíssimas transformações culturais ocorreram durante milênios, ao longo de uma história de longa duração. Por outro lado, ocorreram em diversos lugares, em tempos muito diversos em todo o planeta: na Ásia, na África, na Europa, na América. No Rio da Prata, este fenômeno histórico foi muito mais complexo do que historiadores e arqueólogos poderiam imaginar até recentemente, tendo ocorrido, a partir da chegada de portugueses e espanhóis, apenas após o Renascimento e os grandes descobrimentos europeus. Trata-se de temporalidade e de historicidade diferentes em relação ao que ocorreu em outros continentes.

Mesmo nestas áreas de invenções tão importantes continua a ocorrer o que os historiadores denominam de “a contemporaneidade do não contemporâneo”. Isto significa a coexistência de grupos total ou parcialmente equipados com as tecnologias modernizadoras, com outros grupos que mantêm, apesar de tudo, as suas tradições milenares paleolíticas de caça, coleta e a pesca. Outros grupos neolíticos continuam a praticar o pastoreio em terrenos de pastagens e a horticultura em clareiras das florestas.

Finalmente, se as inovações e a difusão destas novas descobertas se escalonam no tempo ao longo de muitos milênios, podemos continuar a nos referir ao conceito de revolução e imaginar o seu caráter “explosivo” num certo momento dado? Diversas considerações importantes devem ser levadas em conta, portan-

to, quando nos referimos aos complexos processos históricos pelos quais passou a humanidade neste tão importante processo de transformações culturais, e onde se destaca, sem dúvida, a escrita.

A escrita nasce no contexto do surgimento destas sociedades urbanas que começavam a emergir da pré-história para a história. As cidades sentiram logo a necessidade de se organizar internamente e a escrita desempenhara um importante papel. É importante destacar, entretanto, que o domínio dos códigos da escrita é um privilégio de uma minoria nestas sociedades ditas de letrados, pois a maioria da população continuava sendo de ágrafa.

O mesmo ocorre nas missões jesuítico-guaranis da bacia do Rio da Prata. Se a população indígena chegou a mais de 100.000 indígenas guaranis, apenas 60 jesuítas produziram a maioria absoluta dos documentos escritos conhecidos. Durante muito tempo, os historiadores tinham conhecimento de uma meia dúzia de cartas escritas por indígenas guaranis, na época dos conflitos da Guerra Guaranítica. Alguns acreditavam mesmo que as cartas teriam sido escritas pelos próprios jesuítas. Com as pesquisas recentes de Eduardo Neumann, um panorama absolutamente novo se delineou, surgindo das brumas do passado a figura de um guarani letrado.

Podemos nos perguntar se a escrita teria sido implantada por causa das necessidades do culto e da difusão da religião, da inserção política na sociedade espanhola ou da administração do povoado. Ou se ela surgiu das necessidades de racionalizar a transmissão das informações, do administrador para seus funcionários, ou do chefe militar (o rei era o "*morubichaba guaçu*") para seus subordinados. É possível que ela tenha possibilitado também tornar as normas religiosas do cristianismo e as leis do Estado espanhol mais acessíveis a todos os cidadãos dos jovens núcleos urbanos, evitando assim confiar-se unicamente à memória dos missionários e dos caciques do cabildo. Ela possibilitou, com certeza, a emergência de designações e de individualidades das primeiras personalidades letradas entre os guaranis.

Este processo de urbanização traduz o desenvolvimento de uma vida econômica e social mais complexa, embasada em uma nova organização social e numa divisão do trabalho diferente. A economia de subsistência, onde cada um se ocupava somente de produzir o que lhe era necessário, cedeu lugar a formas de organização coletiva onde cada indivíduo exercia uma função bem precisa. Às figuras tradicionais do horticultor e do pastor, produtores de alimentos, vieram se somar aquelas do artesão, do missionário, do comerciante, do representante político da monarquia. Nas missões platinas, os missionários e os caciques estavam encarregados da gestão dos recursos e do exercício do poder.

A nova cidade neste Novo Mundo passava a formar a partir de então um espaço bem delimitado onde se desenvolvia a vida da comunidade. Nela, a escrita desempenhou importante papel regulador e ordenador, das diversas partes deste microcosmo, onde estavam reunidos os instrumentos do poder,

os homens armados, os depósitos de víveres, a igreja etc. O processo de modernização provocado pela urbanização nos diversos continentes, ao longo dos milênios, ocorreu de maneira complexa em alguns centros de origem de invenções, de migrações e da expansão, através de influências culturais. Historicidades e temporalidades diferentes apenas servem para nos evidenciar mais uma vez a riqueza e as variações destas diversas histórias.

## Paradoxos da missão

Guillermo Wilde<sup>1</sup>



A introdução da tecnologia da escrita no mundo guarani constituiu uma revolução que transformou profundamente os modos de pensamento e a organização social e política indígenas. Está claro que tal transformação se produziu no contexto de um regime colonial que precisava de dispositivos mais eficazes para a administração e o governo da população e do território. A produção e circulação de textos *na e para a* missão facilitava uma eficaz transmissão, preservação e atualização do conhecimento cristão (uma memória social) entre os indígenas. Mas o processo encerrava também um paradoxo, pois a capacidade de escrever e ler textos, inicialmente regulada pelos jesuítas de maneira rigorosa, seria rapidamente apropriada pelos indígenas, que buscaram subverter o controle imposto e usá-la em seu próprio benefício, inclusive como arma contra seus impulsores iniciais. Já na metade do século XVII, os jesuítas procuram evitar que os índios lessem suas cartas. Sobretudo, escreve Eduardo Neumann, “temiam a perda do monopólio do conhecimento da mediação entre os leitores e a palavra divina e, conseqüentemente, do controle dos indígenas reduzidos”.

Depois da expulsão dos jesuítas, as práticas adquiridas se mantiveram em numerosas regiões missioneiras, às vezes de maneira secularizada, mas inteiramente assimiladas e constantemente recriadas pelos indígenas. Um exemplo são as regiões de moxos, chiquitos e guaranis, cuja administração dos documentos (e o controle pleno da escrita) passou as mãos indígenas, e a necessidade de contar histórias locais, de fixar memórias coletivas e individuais, ganham destaque a partir do contato com a sociedade não indígena. Em suma, estamos frente a um processo de produção e reprodução de uma circularidade cultural: Os jesuítas, guiados pela necessidade de traduzir textos pastorais apreendem a

<sup>1</sup> Universidad Nacional de San Martín. Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Buenos Aires, Argentina)

língua, executam a sua gramaticalização, ensinam e a utilizam na missão buscando interatuar com os indígenas. Mas não logram capturar todas as variantes dialetais, que se multiplicam no século XVIII, sendo obrigados a recorrer novamente aos índios para que eles ensinem novamente a língua e assim revelem seus segredos.

Chama a atenção que, apesar dos inúmeros livros dedicados as missões guaranis administradas pelos jesuítas, até este momento, a escrita indígena não tenha sido objeto de uma investigação aprofundada. Já no final da década dos 60, o jesuíta Bartomeu Melià, ao apresentar os mistérios da língua guarani, advertia sobre a existência de um *corpus* disperso de manuscritos dos próprios indígenas. Inclusive vários anos antes, o também jesuíta Guillermo Furlong, em suas detalhadas compilações documentais, já havia reparado a existência de produções escritas indígenas, as quais nunca sequer chegaram a ser sistematizadas. Em que consistia tal *corpus*? Quando se escreveu realmente nas missões? Quão difundida estava a prática da escrita entre os indígenas? Quais foram os espaços efetivos de desenvolvimento? Que lugar ela ocupou na produção de uma memória social, junto a outros registros como a cartografia, a liturgia ou o teatro? Quais conceitos são adequados para interpretar este curioso processo de transformação? Apropriação, etnogênese, mímesis, mestiçagem, *middle ground*?

*Letra de Índio* propõe respostas longamente postergadas e abre um novo campo de pesquisa com um enorme potencial. Resultado de uma investigação em arquivos europeus e americanos, desenvolvida ao menos nos últimos dez anos, o livro de Eduardo Neumann proporciona um panorama complexo e exaustivo das práticas escritas indígenas no mundo missionário guarani, inserindo-as em um contexto de transações na cultura letrada da Ibero-América durante os séculos XVII e XVIII.

Neumann demonstra que a escrita foi um instrumento político da elite indígena, especialmente aquela nucleada em torno dos cabildos e das congregações, que rapidamente se apropria dela e logo a domina com destreza. A escrita se estendeu inclusive mais além deste setor da população, em uma multiplicidade de usos, suportes, destinatários e formas intermediárias (entre a escritura e a oralidade). Nascida da necessidade de traduzir e difundir textos doutrinários, a escrita foi multiplicando e consolidando suas funções ao longo do tempo, gerando inclusive práticas arquivistas e nada menos que imprensas perdidas nas selvas sul-americanas.

Este livro pode ser avaliado como um amplo apanhado das múltiplas formas da autonomia (da agência) indígena através das práticas da escrita. Essa autonomia teve tempos e espaços concretos de desenvolvimento, desde os grandes acontecimentos críticos (a Guerra Guaranítica, a expulsão dos jesuítas) até as pequenas cenas da vida cotidiana. Como Neumann mesmo reconhece, a escrita indígena não se produziu isoladamente, mas conformou um complexo com outras artes da memória que ainda merecem um estudo detalhado (a liturgia, a



música, a dança, o teatro etc.). Neumann inventariou uma diversidade de suportes e gêneros textuais, que em distintos momentos emergiram e cumpriram funções específicas (bilhetes, cartas, memoriais, diários, relatos pessoais, atas de cabildo, cruces, lápidas, narrativa histórica) introduzindo-nos no mundo de atores indígenas concretos, trabalhosamente exumados a partir dos fragmentos documentais: Felicitas, a índia profetisa; Cristóbal Capiy, Rafael Paracatú, Tomas Potira, Alejandro e Miguel Mbaruari, Pasqual Yaguapó, Christobal Eranda, Hilario Yrama, Miguel Guañurüma, Juan Antonio Curiguá, Primo Ybarenda, Valentin Ybariguá e Crisanto Nerenda são alguns dos nomes do inventário que este livro nos apresenta.

Talvez não seja casual que este livro surja neste momento. Além de manifestar o profundo conhecimento que o autor tem da temática, a publicação de *Letra de Índio* sinaliza a interseção de diversas influências disciplinares, propiciadas por uma das academias mais maduras e consolidadas do momento. O leitor encontrará nestas páginas não somente um *corpus* novo e sistemático para um período amplo, como também diálogos maduros e sutis com os resultados mais recentes da história cultural, da etnologia e da etno-história. No livro se entrelaçam ademais linhagens acadêmicas e intelectuais que conectam o lado lusitano ao lado espanhol do continente, bem como ambas as costas do Atlântico. Da etno-história reconhecem-se neste livro ao menos dois aportes significativos. Um é o desenvolvimento de interpretações das práticas culturais e políticas, outro, a recuperação dos atores subalternos. É fato que estas perspectivas já estavam presentes na etno-história andina e mesoamericana, mas não haviam sido aplicadas à etno-história guarani. Por sua vez, a chamada “história indígena” teve um desenvolvimento tardio no Brasil, inicialmente mais como patrimônio dos antropólogos que dos historiadores, como ilustra a obra pioneira *História dos Índios no Brasil* (1992), a cargo de Manuela Carneiro da Cunha. A figura central de John Monteiro marcaria o crescimento desta orientação no Brasil desde os finais dos 90. Entretanto, a arqueologia histórica havia experimentado um desenvolvimento precoce em Porto Alegre, graças a Arno Alvarez Kern, que manifestou um interesse crescente por problemáticas novas, como a construção do espaço, as paisagens e a fronteira precisamente nos antigos territórios missionários. Destas confluências surgiu o trabalho de um grupo de pesquisadores gaúchos, entre os quais se encontrava o jovem Eduardo Neumann. Nos anos anteriores, Eduardo publicou sua dissertação de mestrado sobre o trabalho indígena nas reduções, renovando a linha de Magnus Mörner e Juan Carlos Garavaglia. Diálogos posteriores com Serge Gruzinski e Andréa Daher convenceram Eduardo da necessidade de abordar, nesses mesmos contextos de interação, problemáticas ligadas à apropriação das práticas culturais. Sua tese de doutorado sobre a escrita indígena nas reduções foi defendida em 2005 na UFRJ e resultou numa série de publicações posteriores, das quais este livro é a síntese final.

Conheço as fases deste percurso de primeira mão, pois me une a Eduar-

do uma grande amizade iniciada em 1998. Aquele primeiro contato foi proporcionado por um encontro acadêmico que, apesar de sua escassa projeção, para a jovem geração de especialistas na história das missões constituía um espaço fundamental de crescimento humano. Nos anos posteriores, a amizade ampliou-se alimentada pelo intercâmbio formal e informal de informações, discussões, referências, amigos e paixões em comum. Em 2008 trabalhamos conjuntamente em Buenos Aires para realizar as XII Jornadas Internacionais sobre as Missões Jesuíticas. Nesse lapso de tempo e depois dele, nossas conversas continuaram: Porto Alegre, Córdoba, Madri, Montevideu, Rio de Janeiro, Paris, São Paulo, Colônia do Sacramento, Mendoza e Belém do Pará seriam alguns dos cenários desses contatos. Em cada um desses encontros, o dúctil e carismático Eduardo se empenhava para incentivar-me com novos projetos, comentando sobre seus alunos, ensinando-me segredos de crianças e informando-me sobre os achados de uma nova carta guarani que ampliava o enorme corpus que já havia reunido. Indago-me com saudade, onde compartilharemos a próxima taça de vinho?

## Introdução



Na América hispânica, a conquista do alfabeto por parte das populações originárias apresentou resultados surpreendentes. Com o início dos trabalhos de catequese, no século XVI, os ameríndios gradativamente passaram a conviver com a cultura escrita. A experiência evangelizadora praticada na Província Jesuítica do Paraguai, estabelecida em 1609 nos limites meridionais dos domínios hispânicos, atingiu um elevado nível frente à política de conversão praticada com os grupos de indígenas nomeados genericamente de guaranis.<sup>1</sup>

Como as demais parcialidades submetidas ao colonialismo espanhol, eles também estavam inseridos na lógica da “República de Índios”, conjunto de medidas que prescrevia a fundação de *pueblos de indios* ou de *reducciones*.<sup>2</sup> Tais medidas em seu conjunto visavam o reagrupamento da população nativa em um mesmo local. Esta inovação culminou na criação de um novo espaço que permitiu às sociedades ameríndias a sua reorganização sociopolítica, mas agora ajustadas às estruturas administrativas do mundo hispano-americano.

Nas últimas décadas, as pesquisas históricas realizadas a respeito da organização social estabelecida nas reduções de índios guaranis têm apresentado resultados inovadores frente às interpretações tradicionais e apologéticas geralmente difundidas quanto ao passado missioneiro. Entretanto, apesar da renovação por que passa a temática, ainda há carência de estudos que anali-

1 Em 1953, a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) definiu normas a serem utilizadas para a grafia dos nomes de povos indígenas e suas línguas. Foi convencionado que os etnônimos deveriam ser grafados com inicial maiúscula apenas no substantivo e sem flexão de gênero ou número. Nesse trabalho optei por não seguir esta antiga regra, utilizando de modo geral a expressão “os guaranis”.

2 A palavra “redução” refere-se a reduzir, reconduzir a um local, significando também “diminuição”, podendo ser facilmente compreendida pejorativamente. Sem dúvida, o princípio geral da redução foi o de congregar em povoados várias parcialidades indígenas, sendo a “redução” uma expressão da política global de catequese espanhola. Nas *Leyes de Indias* há uma prescrição do que deveria ser a redução, porém, na história da América espanhola existiram muitas variantes. Geralmente, os termos “reduções”, “missões” ou “*pueblos de indios*” aparecem como sinônimos tanto nos documentos como na bibliografia sobre o tema. Nesse trabalho serão utilizados os termos reduções ou missões para designar as povoações de indígenas guaranis convertidos à cristandade pelos missionários jesuítas.

sem as apropriações efetuadas por parte dos indígenas à instrução alfabética promovida pelos jesuítas.

A produção historiográfica referente às reduções guaranis, de maneira geral, desconsiderou o fato de que os indígenas catequizados no Paraguai colonial elaboraram registros escritos. Entretanto, esta avaliação deve ser contraposta, por exemplo, ao fato de que os índios das reduções, ao contrário do que se pensa geralmente, sabiam escrever. Em guarani, espanhol e mesmo em latim. A elite letrada missioneira, no século XVIII, escreveu com frequência e, por vezes, com maior desenvoltura do que os colonizadores hispano-americanos.

Nesta pesquisa procurei analisar os usos, as funções e as práticas da escrita indígena nas reduções do Paraguai nos séculos XVII e XVIII. Para tanto, foram examinadas as maneiras pelas quais os guaranis apropriaram-se da escrita introduzida pelos missionários e os momentos em que produziram registros de suas experiências e inquietações.

Por sua localização, justamente nos limites fronteiriços entre os impérios ibéricos na América do Sul, as reduções estabelecidas no Paraguai na primeira metade do século XVII foram alvo das investidas dos *mamelucos del Brazil* (bandeirantes), provenientes do planalto de Piratininga, interessados em cativar os índios aldeados.<sup>3</sup> Esta situação levou o rei de Espanha a atender o pedido dos jesuítas, concedendo o direito de equipar os indígenas sob sua tutela com armas de fogo, situação única em toda América colonial. Uma vez superadas as adversidades iniciais, as reduções guaranis orientadas pelos padres inacianos consolidam sua condição de núcleos urbanos na região, experimentando uma fase de desenvolvimento social e material. Além da orientação religiosa, os índios também receberam instrução nas artes e ofícios, sendo capacitados em tarefas intelectuais e manuais.

Tais núcleos populacionais vivenciavam um período de crescimento acentuado, tanto de ordem econômica como demográfica.<sup>4</sup> Em meados do século XVIII, a Província Jesuítica, que nunca teve as suas fronteiras claramente definidas, contabilizava aproximadamente 30 povoados de indígenas cristianizados.<sup>5</sup>

3 Para uma leitura renovada das expedições paulistas voltadas ao apresamento de indígenas, e rompendo com a versão convencional da historiografia brasileira quanto ao papel dos bandeirantes como responsáveis pela expansão territorial da América portuguesa, ver: MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

4 A população dessas reduções em meados do século XVIII atingiu aproximadamente a cifra de 150.000 habitantes. O crescimento demográfico estava relacionado ao nível de vida e aos recursos disponíveis aos guaranis missionários, tais como alimentação, vestuário e medidas sanitárias. Para uma descrição e dados pormenorizados das condições gerais desse crescimento, ver: MAEDER, Ernesto J. A. La población y el número de reducciones: nivel de vida. In: CARBONELL DE MASY, Rafael. *Estrategias de desarrollo rural en los pueblos Guaraníes (1609-1767)*. Barcelona: A. Bosch, 1992a, 91-111.

5 Apesar de as reduções serem conhecidas historicamente como “Trinta Povos Missionários” não devemos imaginá-las como o resultado de uma ocupação idealizada. No último quarto do século XVII, estas reduções estavam “estabilizadas”, atingindo o número de 22 povoações, na sua maioria localizadas entre os rios Paraná e Uruguai. Mudanças exógenas à organização das reduções

Os resultados positivos atingidos nas reduções foram decorrentes das medidas políticas, sociais e culturais visando envolver os guaranis e cooptá-los como participantes dessa nova realidade.

Nesse sentido, a prática da escrita desempenhou papel de destaque nas estratégias de catequese no momento de estabelecimento das reduções. O domínio dos idiomas indígenas por parte dos missionários, aliados à alfabetização empreendida com segmentos da população missioneira, constituiu-se em uma medida decisiva para o êxito da evangelização no Paraguai. Porém, mesmo diante desses procedimentos, durante muito tempo, a historiografia sobre as missões guaranis esteve condicionada pela ideia de que os índios das reduções apenas estavam aptos a copiar documentos, mas não eram capazes de produzir escritos por motivação pessoal/coletiva. Assim, a documentação produzida pelos jesuítas constituía-se na única e principal forma de testemunho dessa experiência de conversão.<sup>6</sup>

Todavia, esta avaliação deve ser questionada, por exemplo, frente ao fato de que os próprios missionários, ao executarem seus trabalhos de evangelização, valorizaram o ensino das *artes y ofícios* aos seus tutelados, habilitando-os, dessa forma, em várias tarefas, como as de copiar e, até mesmo, de escrever documentos. Nesse aspecto, são de grande valia as contribuições presentes aos trabalhos de Serge Gruzinski voltados para a abordagem das manifestações dos indígenas diante dos modelos de conduta e pensamento introduzidos pelos europeus, destacando as permeabilidades culturais resultantes do contato entre a “cultura” do colonizador e a “cultura” indígena. Em seus trabalhos, Gruzinski problematiza importantes categorias dadas como naturais, enfatizando as adaptações e reapropriações praticadas pelos índios diante dos modelos da cultura ocidental.<sup>7</sup>

---

determinaram a ampliação da área de catequese, que foi estendida à margem esquerda do rio Uruguai, às terras conhecidas como Banda Oriental. A ocupação deste território foi decorrência de interesses geopolíticos, expressos no intento de assegurar esta área de fronteira ao Império Espanhol diante dos interesses expansionistas lusitanos em direção ao Rio da Prata. Assim, em 1682, é instalada a redução de San Borja; cinco anos mais tarde são transferidas três reduções da margem direita do rio Uruguai para a margem oriental: San Nicolás, San Luis e San Miguel. Em 1690, a partir da divisão da redução de Santa María Mayor, é fundada San Lorenzo, e anos mais tarde, em 1697, é estabelecida a redução de San Juan a partir da divisão de San Miguel, devido ao seu crescimento populacional. Em 1707 é fundada Santo Ángel, totalizando os sete povos da Banda Oriental. Contudo, somente em 1718, com o estabelecimento de San Cosme y San Damián, as reduções atingiram o número de 30.

6 Como se pode imaginar, os trabalhos elaborados pelos jesuítas nos séculos XVII e XVIII estão caracterizados por uma ótica voltada para exaltar os feitos da Companhia de Jesus em terras paraguaias, o que equivale a uma descrição apologética, e em muitos casos, o estilo hagiográfico é predominante. As exceções são as obras escritas pelos jesuítas no exílio, após a sua expulsão. Ver a esse respeito em CARBONELL, 1992, cap. 1, item 4, 8-13: Revisión bibliográfica y sus fuentes.

7 Ao analisar o caso do México colonial, Gruzinski recorreu ao conceito de “ocidentalização” para descrever as reações indígenas aos valores e comportamentos introduzidos pelos colonizadores, resultando na reestruturação das formas de pensamento indígena que deflagraram a mestiçagem cultural. GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; *La guerra de las imágenes. De Cristóbal Colón a “Blader Runner” (1492-2019)*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1995; *La colonización de lo imaginario. Sociedades indígenas y occidentalización en el*

Páginas 30-42 indisponíveis na versão eletrônica

# Capítulo 1

## A conquista letrada guarani



Quando o Novo Mundo foi descoberto e posteriormente colonizado pelos conquistadores europeus, havia uma pluralidade de idiomas e dialetos entre as populações originárias. A variedade dos falares indicava uma ocupação anterior, cuja antiguidade datava de vários séculos, manifesta em uma diversidade cultural expressiva. Dentre os idiomas existentes, as línguas do tronco tupi-guarani estavam em uma fase de vigor e força expansiva, a ponto de que dominavam áreas significativas das terras baixas da América do Sul, tanto na porção meridional como na costa leste.

Entre as diversas línguas que integravam esse tronco linguístico, duas foram amplamente documentadas durante o período colonial e adquiriram uma importância histórica especial no contexto da ocupação europeia do continente: o tupinambá, ou tupi antigo, e o guarani antigo. Atualmente, as principais informações a respeito dessas línguas são conhecidas através dos trabalhos impressos de religiosos como Azpilcueta Navarro (1550), José de Anchieta (1595), Antonio Araujo (1630) e Antonio Ruiz de Montoya (1639).

### 1.1 A língua guarani

O tupi-guarani destacou-se dos outros idiomas indígenas tanto por sua extensão territorial como por sua unidade cultural.<sup>50</sup> Estas duas línguas, pelo papel que desempenharam no processo histórico das suas respectivas regiões, do período colonial até nossos dias, podem ser consideradas línguas clássicas da

50 A dispersão guarani originou diversos dialetos, distribuídos em três grandes grupos: 1) o grupo amazônico ou *ñe'engatu* – a “língua boa” ou “polida”; 2) o grupo conhecido genericamente como tupi ou tupinambá (guarani falado na costa leste da América do Sul); e 3) o grupo conhecido como guarani ou *ava ñe'e* (“língua dos homens”), abrangendo os dialetos falados na bacia do Prata, com abundante documentação do período colonial, sobretudo missionário (SERRANO, Antonio. *Etnografía de la antigua Provincia del Uruguay*. Paraná, 1936, 143).

América do Sul (Rodrigues, 1994). Outra característica do tupi-guarani é que nomeia muito dos domínios geográficos da América do Sul. Através da toponímia – instrumento fundamental para os pesquisadores da linguagem diante da ausência de registros escritos antigos – uma ampla nomenclatura se mantém expressa nessa língua indígena, passados cinco séculos da conquista ibérica.<sup>51</sup>

No século XVI encontraram-se línguas dessa família faladas em praticamente todo o litoral leste da América do Sul e na bacia do rio Paraná. Entretanto, no Paraguai colonial, os falantes de guarani não eram os únicos ocupantes das terras meridionais, tampouco a sua língua era exclusiva na região. Diferentes grupos linguísticos disputavam o predomínio, ainda que inutilmente, visto que necessitavam recorrer ao idioma guarani ou a suas variantes dialetais para manter relações políticas e como meio de comunicação com povos vizinhos de línguas distintas.

Apesar dessa enorme dispersão geográfica, as principais línguas do tronco tupi-guarani revelam mais semelhanças do que diferenças, configurando, de acordo com os dados arqueológicos, uma unidade de pelo menos dois mil anos (Brochado, 1984; Noelli, 1993). Tal dispersão corresponde às práticas migratórias dos povos pré-colombianos, mantidas mesmo depois da chegada dos colonizadores europeus à América. E, segundo Graciela Chamorro, a difusão dessa língua, da Amazônia até o rio da Prata e desde a costa atlântica até os Andes, mesmo que de modo descontínuo, como verificado na cultura material, indica um componente fundamental do modo de ser guarani: o estar a caminho (*oguata*).<sup>52</sup>

Os resultados das pesquisas arqueológicas têm demonstrado que a extensão do território ocupado pela cultura tupi-guarani é decorrente das contínuas migrações guaraníticas e das conquistas e “guaranizações” que operaram sobre os protopovoadores das regiões ocupadas. A imposição da língua, portanto, foi um desdobramento dessa movimentação humana. Porém, isso não implicou, obrigatoriamente, em outras formas de dominação.

A importância da língua guarani se comprova indiretamente por meio da influência que teve sobre o léxico usado por cronistas e sobre a língua de exploradores e conquistadores. A grande unidade linguística é verificada em textos do século XVI, como o de Jean de Lery (1576), as frases em guarani que foram registradas por Hans Staden (1556), as anotações contidas em *Singularités de la France Antartique*, de André Thevet (1557-1558), e na *Vera Historia* de Ulrico Schmidel, publicada em 1567.

No Paraguai colonial, o guarani assumiu a condição de língua geral, da mesma maneira que o idioma quéchua foi considerado a língua geral de Cuzco ou

51 VILLAGRA-BATOUX, Sara Delicia. La toponimia y la historia de la lengua. In: *Estudios Paraguayos: Revista de la Universidad Católica Nuestra Señora de la Asunción*, 7,1. Asunción: Universidad de Asunción, 1979, 157-163.

52 CHAMORRO, Graciela. *A espiritualidade guarani: uma teologia ameríndia da palavra*. São Leopoldo: Sinodal, 1998, 42s (Teses e Dissertações, 10).



Páginas 45-66 indisponíveis na versão eletrônica

## Capítulo 2

### Práticas da escrita indígena



Uma peculiaridade da colonização espanhola na América foi de que a prática da escrita desempenhou papel de destaque nas estratégias de conversão das parcialidades indígenas. Assim que os missionários começaram a desenvolver os trabalhos de catequese no território americano, a população nativa passou a conviver com a cultura letrada. Tal situação facultou que alguns deles, diante do aprendizado do alfabeto, manifestassem por escrito suas sugestões para um bom governo.<sup>136</sup>

Como em outras regiões do continente, na Província do Paraguai, a capacidade alfabética dos guaranis foi o resultado das modalidades de evangelização praticadas pelos missionários – inicialmente os franciscanos e posteriormente os jesuítas –, fato que permite compreender a rápida difusão e a aceitação da tecnologia do escrito entre os indígenas reunidos nas reduções. O domínio das línguas nativas, por parte dos missionários jesuítas, aliado à instrução alfabética praticada com os guaranis que aceitavam a vida em redução, constituía-se em medidas decisivas para o êxito da evangelização pretendida na Província Jesuítica do Paraguai (1609-1768).

De fato, a possibilidade de uma “conquista espiritual”, nos termos referidos

136 A mais notória experiência intelectual e livresca de um indígena, que nos legou um testemunho escrito, é o caso de Felipe Guaman Poma de Ayala. Ele era um descendente da nobreza incaica e registrou uma visão indígena do mundo andino. Ao escrever a *Nueva crónica y buen gobierno*, cuja redação foi concluída em 1615, tomou como modelo a retórica eclesiástica didática. Através dessa crônica, Poma de Ayala pretendia estabelecer uma relação direta, uma comunicação com as mais altas autoridades da administração hispânica. POMA DE AYALA, Felipe Guaman. *Nueva crónica y buen gobierno* (1615). Madri: História 16, 1987.

por Antonio Ruiz de Montoya (1639), estava na estrita dependência de uma transliteração do idioma guarani à escrita, condição *sine quo non* para a construção de categorias que inexistiam no léxico indígena, resultando na criação de uma linguagem cristã nas reduções.<sup>137</sup> O domínio do alfabeto e a aquisição da escrita por parte dos guaranis devem ser entendidos a partir do impacto da “razão gráfica”, dimensão que permite evidenciar os valores conferidos à cultura escrita pelos índios tanto na administração das reduções como nas suas relações sociopolíticas. Neste aspecto, as pesquisas interessadas na originalidade das instituições político-administrativas, especialmente aquelas atentas ao funcionamento dessas reduções, têm adotado a perspectiva da etno-história. A partir desse enfoque tem-se evidenciado o papel ativo desempenhado pelos guaranis na história das reduções.<sup>138</sup>

## 2.1 Alfabetização e elite letrada nas reduções

A valorização das lideranças nativas, recorrente nos domínios hispano-americanos, estava direcionada à cooptação dos *índios principais* e constituía-se em um dos mecanismos fundamentais para o êxito da conquista do Novo Mundo. Desde muito cedo, aqueles que eram identificados como lideranças receberam um tratamento diferenciado em relação aos demais indígenas. Por conta da diferenciação social pré-existente nas altas culturas ameríndias, entre uma “nobreza” e a “gente del común”, a monarquia espanhola soube aproveitar esta hierarquização em seu favor da colonização, cooptando os primeiros e promovendo sua instrução letrada. A legislação colonial prescrevia que, em todas as regiões, desde o século XVI, a população deveria apresentar uma divisão entre “nobres” e “vassalos”, estabelecendo ou construindo uma diferenciação entre a população nativa.<sup>139</sup>

Através da alfabetização ministrada por evangelizadores dedicados a conhecer a língua do outro foi possível, desde os primeiros momentos da vida cultural hispano-americana, identificar indícios da capacidade indígena (ou mestiça) de incorporar elementos da cultura ibérica, tanto na forma dos novos “produtos” como no manuseio de categorias e de códigos retóricos da cultura ocidental. Tais manifestações e experiências ficaram registradas nas pinturas e esculturas produzidas pelas elites ameríndias, que atuavam como intermediadoras culturais obrigatórias entre os europeus e os nativos.

137 MELIÀ, Bartomeu. *La création d'un langage chrétien dans les réductions des Guaranis au Paraguay*, 1-2. Strasbourg: Université de Strasbourg (Tese de doutorado), 1969.

138 Trabalhos pioneiros nessa perspectiva são o de: SUSNIK, Branislava. *Los aborígenes del Paraguai, II. Etnohistoria de los Guaraníes: época colonial*. Asunción: Museo Etnografico Andrés Barbero, 1979/1980; HAUBERT, Máxime. *La vie quotidienne des indiens et des Jésuites*. Paris: Hachette, 1967; IDEM. *Índios e jesuítas no tempo das missões – séculos XVII e XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1990.

139 Para maiores detalhes, ver: WILDE, Guillermo. Prestigio indígena y nobleza peninsular: la invención de linajes guaraníes en las misiones del Paraguay. In: *Jahrbuch für Geschichte Lateinamerikas*, 2006, 119-145.

Páginas 69-98 indisponíveis na versão eletrônica

## Capítulo 3

### A reação “escriturária” dos guaranis



Na história das reduções instaladas no Paraguai, a prática da escrita por parte dos indígenas atingiu em alguns períodos níveis surpreendentes. Um deles foi a época da demarcação de limites na América do Sul por efeito do Tratado de Madri (1750), acordo estabelecido pelas monarquias ibéricas.<sup>241</sup> Tal Tratado estabelecia a permuta de sete reduções localizadas na margem oriental do rio Uruguai – de um total de 30 pertencentes à Espanha – que passariam ao monarca português, em troca da Colônia do Sacramento, situada às margens do rio da Prata. A negociação procurava, por meio de um acerto diplomático, solucionar os litígios de fronteira na América do Sul.<sup>242</sup> Tal decisão repercutiu de forma negativa na América hispânica, principalmente entre os guaranis implicados na permuta.

O trabalho de demarcação de limites que a execução do Tratado de Madri requeria resultou em uma constante troca de correspondência entre os comissários peninsulares, Gomes Freire de Andrade por parte de Portugal e o Marquês de Valdelirios a serviço de Espanha. Entretanto, a prática da escrita como instrumento de comunicação e negociação política não esteve restrita unicamente aos plenipotenciários ibéricos, sendo igualmente um expediente muito valorizado pelos índios. Eles também redigiram vários textos, esgrimindo argumentos contrários à execução da troca de sete reduções pela Colônia do Sacramento.

Os vestígios dessa reação “escriturária” indígena são tanto os papéis escri-

241 A respeito dos antecedentes, circunstâncias e as negociações do Tratado, ver: CORTESÃO, 2001.

242 O trabalho de demarcação da nova linha de fronteira entre as possessões coloniais ibéricas acabou por se transformar em uma impressionante aventura. Foram deslocados para a região geógrafos, astrônomos, matemáticos, desenhistas e engenheiros para definirem o traçado e a representação cartografia dos novos limites. Ver: FERREIRA, 2001; DOMÍNGUEZ, 2001.

tos pelos guaranis, apreendidos por parte das comissões demarcadoras e que hoje repousam em arquivos sul-americanos ou ibéricos (ou seja, documentos dispersos e sem qualquer indexação prévia), bem como as notícias e informes presentes na correspondência de jesuítas como Tadeo Henis, Lorenzo Balda, Bernardo Nusdorffer, Luis Charlet ou José Cardiel.<sup>243</sup> As anotações contidas nos diários dos oficiais demarcadores, como Jacinto Rodrigues da Cunha<sup>244</sup> a serviço de “*Sua Magestade Fidelíssima*” e Francisco Graell,<sup>245</sup> atuando para “*Sua Magestade Católica*”, também acusam as práticas da escrita indígena. Esses funcionários das monarquias ibéricas registraram nos seus diários de campo a existência de algumas traduções dos documentos em língua guarani, localizados ao longo de sua marcha até as missões orientais do Uruguai.

Durante o período de conflito, os guaranis escreveram muito, e os documentos produzidos permitem repensar as relações estabelecidas com o passado missioneiro e o território oriental. Essa documentação também sinaliza uma discussão pouco referida pela historiografia dedicada ao tema, ou seja, a existência da defesa por escrito daquele que seria o ponto de vista dos indígenas. Os textos escritos pelos índios das reduções, e mesmo suas traduções, podem ser novamente analisados a partir dos aportes da história social da cultura escrita.<sup>246</sup>

Enfim, tanto a reação escriturária como as manifestações bélicas dos indígenas aos termos ajustados no referido Tratado desencadearam um conflito sem precedentes na região<sup>247</sup>: uma rebelião colonial conhecida como “Guerra Guaranítica”.<sup>248</sup> Esta guerra é um dos temas mais recorrentes sobre a negativa

243 Nusdorffer, encarregado de coordenar a transmigração guarani, recebeu sistematicamente notícias de Tadeo Henis e também de Lorenzo Balda. Por isto há informações similares especialmente entre o “*Diário de Thadeo Henis*” que abrange o período que corresponde a meados de janeiro de 1754 até maio de 1756 e os dados apresentados na relação do padre Bernardo Nusdorffer para o mesmo período (*MANUSCRITOS da Coleção de Angelis*, 1969).

244 CUNHA, Jacinto Rodrigues da. Diário da Expedição de Gomes Freire de Andrade às missões... In: *Revista do IHGB*, 16, 10. Rio de Janeiro, 1853a, 137-258; CUNHA, Jacinto Rodrigues da. Diário da Expedição de Gomes Freire de Andrade às missões... In: *Revista do IHGB*, 16, 11. Rio de Janeiro, 1853b, 259-321.

245 DIARIO que el capitán de Dragones D. Francisco Graell ha seguido en la presente expedición de Misiones contra los siete pueblos inobedientes de la Banda Oriental del río Uruguay, desde el cuartel general de Asamblea, en Montevideo, día 5 de diciembre de 1755, hasta 21 de junio de 1756. In: *COLECCIÓN de documentos inéditos para la historia de España, por El Marques de la Fuensanta del Valle: tomo CIV*. Madri: Imprenta de José Perales y Martínez, 1892, 449-487.

246 Para um balanço historiográfico a respeito da questão da escrita e sociedade, ver CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SÁEZ SANCHEZ, Carlos. Paleografia versus alfabetización: reflexiones sobre historia social de la cultura escrita. In: *Signo: Revista de Historia de la Cultura Escrita*, 1. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares, 1994, 134-135.

247 A produção histórica sobre o tema é ampla e contraditória. Para uma revisão geral das publicações anteriores a 1995, ver: MELIÀ, 1995, 223-237.

248 Quanto à produção recente, ver: GOLIN, Tau. *A Guerra Guaranítica: como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos dos jesuítas e índios guaranis no Rio Grande do Sul (1750/1761)*. Passo Fundo: EDIUPF; Porto Alegre: EDUFRGS, 1998; SANTOS, Julio Ricardo Quevedo. *Guerreiros e jesuítas na utopia do Prata*. Bauru: EDUSC, 2000; QUARLERI, Lia. *Rebelión y guerra en las fronteras del Plata. Guaraníes, jesuítas e impérios coloniales*. Buenos Aires: FCE, 2009.

Páginas 101-136 indisponíveis na versão eletrônica

## Capítulo 4

### Entre a cultura escrita e a memória indígena

A cultura escrita estava bastante difundida entre os guaranis das reduções, e os principais vestígios dessa capacidade letrada são os “*papeles y cartas*” redigidas com a letra dos índios, no século XVIII. Nesse aspecto, os documentos em língua guarani, e mesmo em espanhol, têm permitido examinar a rápida difusão do alfabeto e analisar os aspectos socioculturais relacionados às práticas letradas. A escrita indígena, registrada em diferentes suportes e com finalidades diversas, obriga-nos a rever em grande medida as avaliações simplistas que consideravam a atividade “*escriturária*” dos guaranis como um fato menor ou mesmo restrita à produção de textos canônicos nas reduções.<sup>329</sup>

As manifestações escritas dos indígenas durante o período de conflito gerado pela demarcação de limites expressam tanto um desejo de comunicação como foram uma forma de participar aos seus companheiros suas experiências ou preservar as efemérides nas quais estiveram envolvidos. Diante do contexto de tensão e indefinição que vivenciaram nessa época, eles aproveitaram as circunstâncias atípicas e produziram relatos visando alcançar novos objetivos.

Uma vez encerrados os episódios de conflito, são elaborados alguns textos que apresentam temas e inclusive abordagens novas da realidade missioneira. Tais documentos revelam uma faceta pouco conhecida da ação indígena nas

---

329 NEUMANN, Eduardo Santos. *Práticas letradas guaranis: produção e usos da escrita indígena – Séculos XVII e XVIII*. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS (Tese de doutorado), 2005.



reduções onde, além de lutarem empunhando suas lanças, eles utilizaram a escrita como um instrumento: eles atuam como burocratas quando procuram através do mundo dos papéis interferir no rumo dos acontecimentos ou produzir uma memória.

Assim, após o rompimento com os jesuítas, que resultou em uma maior autonomia escriturária indígena, certas modalidades textuais tornam-se mais frequentes entre os guaranis. Entre elas destaco as “atas” de cabildo, os memoriais e mesmo a produção de narrativas de cunho histórico. A redação de diários, apesar de não ser uma novidade, reaparece como uma das expressões da escrita indígena. Dentre essas modalidades textuais, duas somente são verificadas na documentação após o término do conflito nas reduções: as “atas de cabildos” e as narrativas de cunho “histórico”. Os memoriais tornaram-se frequentes após a expulsão dos jesuítas, porém, como no caso dos diários, já são mencionados mesmo antes da eclosão da rebelião.

Em pouco mais de uma década, entre o início da primeira campanha em direção às reduções (1754) até a expulsão dos jesuítas dos domínios hispano-americanos (1767), os guaranis passam a produzir novas modalidades de textos que refletem tanto as mudanças administrativas em curso como as alterações nos lugares de fala e nos espaços de poder. Os documentos redigidos nesse período apresentam características que antes não haviam sido verificadas. Os vestígios dessas práticas letradas indígenas sugerem que houve novos usos da escrita por parte dos guaranis, frente a um rompimento com os modelos outrora vigentes. E, uma vez encerrada essa fase conturbada, a escrita assumiu novas modalidades de expressão diante da sua emancipação da tutela jesuítica, quando a produção de textos deixou de estar associada a períodos excepcionais da história das reduções.

#### **4.1 A “colonização da memória”: escrita e identidade**

No início da Idade Moderna, a escrita passou a ser saudada pelos autores como um artifício capaz de superar a perenidade do tempo.<sup>330</sup> Afinal, uma das finalidades da escrita é superar o esquecimento. Entretanto, sabemos que o acesso à memória coletiva somente é possível através da experiência individual. Como é possível constatar, o desejo de escrever manifestou-se com maior ou menor intensidade entre os guaranis letrados, como demonstra a documentação consultada. Porém, a proporção que alcançou em alguns períodos desperta questionamentos quanto às motivações que determinaram a busca pelo papel. O que procuravam garantir com a prática da escrita? Por que o recurso à escrita foi valorizado em determinados episódios?

É de amplo conhecimento que a escrita é o principal recurso para registrar

---

330 A memória e sua relação com a escrita foi um dos temas de maior interesse entre os autores na Idade Moderna, de modo que ao “[...] largo de los siglos XVI y XVII siempre suele figurar esa escritura con la que se podía intentar derrotar al tiempo” (BOUZA ÁLVAREZ, 1999, 17).

Páginas 139-166 indisponíveis na versão eletrônica

## Capítulo 5

### Escrevendo depois dos jesuítas



Conforme procurei demonstrar, em algumas ocasiões, o uso da escrita pelos guaranis das reduções atingiu patamares elevados. Um desses períodos foi verificado a partir da expulsão dos religiosos da Companhia de Jesus dos domínios hispano-americanos (1768). Com o término da administração jesuítica, as práticas da escrita indígena no Paraguai deixaram gradativamente de apresentar os fortes vínculos com o cânon religioso.

Os missionários desempenhavam funções de grande alcance, sobretudo no campo educacional, gerando sérias desconfiças quanto às suas intenções junto às monarquias ibéricas, pois eram os mais independentes da autoridade episcopal, os mais devotados ao papado e os mais resistentes à burocracia real. O poder político, econômico e social angariado pela Companhia de Jesus, aliado à acusação de que haviam estabelecido um “Estado dentro do Estado” na Província do Paraguai, através da administração das reduções guaranis, apresentou-se como um argumento forte para os críticos à atuação exercida pelos missionários inicianos.

As manifestações letradas verificadas nesses episódios revelam que, ao contrário do que se pensava geralmente, os índios não foram meros copistas. Escreveram em diversas ocasiões, seja por motivação pessoal ou política, tanto em guarani como em espanhol. O domínio dos códigos escritos facultou aos guaranis um canal de comunicação com a administração colonial. Por meio de cartas e memoriais, eles buscavam atuar em conformidade com as práticas letradas vigentes na monarquia espanhola. Nesse capítulo pretendo abordar algumas das modalidades da escrita indígena após a expulsão dos jesuítas.

### 5.1 A expulsão e as reformas nas reduções (1768)

O poder acumulado pela Companhia de Jesus estava sendo constantemente questionado, sobretudo porque os jesuítas eram vistos como um obstáculo a uma maior afirmação do poder do Estado monárquico. Primeiro, em 1759, eles foram expulsos de Portugal e de suas possessões ultramarinas, em uma ação coordenada pelo Marquês de Pombal. Posteriormente, Carlos III, por influência dos seus ministros, executou uma ação espetacular e decisiva quanto à relação da monarquia hispânica com a Igreja: decretou a Sanção Pragmática, em 27 de fevereiro de 1767, quando expulsou de todos os seus domínios os membros da ordem, tanto na Europa quanto na América.<sup>408</sup> A ordem de expulsão dos jesuítas, determinada pelo Rei de Espanha em 1767, tardou aproximadamente um ano para ser aplicada nas reduções do Paraguai. As medidas a serem adotadas para a saída dos jesuítas dos domínios hispânicos estavam previstas nas Instruções Gerais, expedidas em Madri em 1º de março de 1767, nas quais o conde de Aranda orientava os responsáveis pela execução da real pragmática, procurando assim minimizar as possibilidades de atritos e divergências.<sup>409</sup>

Havia entre as autoridades coloniais o receio de que os guaranis manifestassem oposição à saída dos missionários. Por esse motivo, Francisco de Paula Bucareli, designado para colocar em prática o decreto real de 21 de fevereiro de 1767, adotou medidas preventivas visando neutralizar uma possível reação indígena. Bucareli, por temer uma reedição dos tumultos que caracterizaram a execução do Tratado de Limites de 1750, quando os guaranis impediram a execução dos trabalhos das comissões demarcadoras, solicitou ao padre superior dos jesuítas que enviasse a Buenos Aires um cacique e um corregedor de cada redução. Tal medida visava neutralizar uma possível reação indígena, como a protagonizada por parte de suas lideranças anos antes.<sup>410</sup>

Para surpresa geral, não houve sobressaltos diante da solicitação de comparecimento à Buenos Aires. Assim, no dia 14 de setembro de 1767, Bucareli informou ao conde de Aranda a chegada de 30 caciques e 29 corregedores das reduções à cidade. Na ocasião, o tratamento dispensado às lideranças guaranis foi de grande atenção, atitude que procurava angariar confiança e simpatia à causa espanhola, ocasião em que, inclusive, receberam trajes à espanhola. O resultado dessas medidas e a reação dos guaranis aos bons tratos podem ser

408 Ao sancionar a pragmática resolução de expulsão, Carlos III anunciou que “*mis razones solo Dios y yo debemos conocerlas*”. FERRER DEL RÍO, Antonio. *Historia del Reinado de Carlos III en España*, t. 1 y 2. Madri, 1856, aqui: t. 2, 122.

409 “*Instrucción de lo que deberán ejecutar los comisionados para el estrañamiento y ocupación de bienes y haciendas de los Jesuítas en españa e Indias, del 1 de Marzo de 1767*”. BRABO, Francisco Xavier. *Colección de documentos relativos a la expulsión de los jesuítas de la Republica Argentina y del Paraguay en el reinado de Carlos III*. Madri: Estudio Tipográfico José María Pérez, 1872b, 6-12.

410 A demora em colocar em curso as novas medidas decorria do “receio, manifestado pelas autoridades espanholas, de que os índios se rebelassem e reagissem contra a ordem de expulsão” (PORTO, Aurélio. *História das missões orientais do Uruguai*, vol. 2. Porto Alegre: Selbach, 1954, 247).

Páginas 169-190 indisponíveis na versão eletrônica

## Considerações finais



O *corpus* documental reunido para esta pesquisa indica de maneira contundente o quanto a prática da escrita foi uma atividade presente nas rotinas dos guaranis, como atestam os vários exemplos apresentados. A destreza manifesta pelos indígenas no manuseio das letras contribuiu para que a presença e circulação da cultura escrita atingissem um patamar surpreendente nas reduções do Paraguai. Mesmo que a alfabetização tenha sido restrita à elite, essa competência promoveu sociabilidades inéditas entre toda a população, permitindo novos modos de relação com os outros e com os poderes. O tratamento atribuído ao idioma guarani pelos jesuítas a partir da redução gramatical estava associado à prática da catequese. Contudo, os indígenas destinaram à cultura escrita outras finalidades.

O convívio com as práticas letradas, desde o século XVII, mostrou que os guaranis, a partir da reescrita religiosa, alçaram voo em direção a outras modalidades textuais, destinando novas funções às suas habilidades “escriturárias”. Os inúmeros textos de caráter devocional, tais como catecismos, sermonários e cartilhas, serviram de treinamento para outras formas de expressão gráfica. A diversidade de formas textuais atesta a capacidade desses indígenas no manuseio da cultura escrita nas reduções. Elaboraram documentos requintados, inicialmente como copistas e posteriormente como “autores”, com uma destreza pronunciada na *ars scribendi* que estava muito além do simples domínio do abecedário.

Mas o que surpreende é a exiguidade de registros, nos arquivos consultados, de vestígios da escrita guarani anterior ao período da demarcação. Na documentação compulsada há evidências de que os indígenas já escreviam no século XVII de maneira independente, desvinculados do cânon religioso. As informações disponíveis a respeito da habilidade letrada dos guaranis, nesse século, estão praticamente restritas às cartas ânua. Tal constatação sugere que a eliminação desses documentos pode ser uma decorrência do próprio aniquilamento de uma memória escrita indígena. Um sequestro da memória, um

apagamento da cultura escrita produzida pelos índios nas reduções.

Em boa medida, a inexistência de provas diretas da escrita indígena anteriores ao século XVIII também denota o controle e as restrições impostas por parte dos jesuítas, que procuravam monopolizar a função de mediadores entre a população missioneira e a sociedade colonial, suprimindo qualquer registro de manifestações indígenas que não fossem aquelas avalizadas pelos missionários. Em certo sentido, escrever havia assumido entre a elite missioneira, e mesmo junto aos índios iletrados, a condição de um testemunho que, assim imaginavam, não seria superada facilmente. O valor conferido aos poderes do escrito foi decorrência tanto do fato de a organização social ser tributária da “civilização escrita” como do domínio da escrita manifesto pelos indígenas. O diferencial, portanto, foram as apropriações do escrito e do lido mediante o convívio em uma sociedade letrada.

É muito provável que alguns guaranis, ao avaliarem a escrita e suas materialidades como um instrumento capaz de estabelecer verdades, estivessem motivados a recorrer ao papel e à tinta para fazer de suas experiências também um exemplo para os demais. A elite letrada indígena utilizou a escrita tanto para transmitir informações e repassar notícias como para fixar determinados relatos considerados dignos de memória.

De modo geral, o hábito de escrever foi uma atividade bem mais pronunciada do que as evidências diretas localizadas na documentação consultada (manuscrita ou impressa) permitem documentar. Ao que tudo indica, foram os momentos de crise, de tensão ou indefinição em que houve uma prática pronunciada da escrita pelos indígenas. As motivações que presidiram a decisão de alguns em recorrer ao papel estão, em muitos casos, relacionadas com a proximidade ou contato com os súditos de Portugal. A escrita, em alguns momentos, foi depositária de alteridades geradas diante de experiências singulares.

Nesse contexto, a escrita apresentou destaque em situações-limite, quando serviu como importante instrumento de articulação política, atuando como um meio eficaz para organizar a resistência missioneira. O envio de cartas e bilhetes reforçava as redes de relações pessoais e servia tanto como canal de informação como de elemento de solidariedade entre índios rebelados. Por meio de mensagens escritas, procuraram fazer valer seus privilégios enquanto súditos da Espanha ou, em algumas ocasiões, negociavam até mesmo diretamente com os antigos rivais, como eram os lusitanos. A competência letrada permitiu-lhes uma relação direta com as autoridades coloniais, principalmente com o governador de Buenos Aires, quando procuravam expressar suas insatisfações.

Por seu nível de refinamento, as correspondências elaboradas pelos cabildantes missioneiros são práticas culturais que demandam um domínio da escrita que está muito além da mera alfabetização, pois requer um contato frequente com a cultura gráfica. A habilidade de redigir textos reconhecidos como oficiais – de caráter protocolar – diferencia a população missioneira das demais parcialidades indígenas da região. Se escrever, por um lado, permitia um maior

Páginas 193-236 indisponíveis na versão eletrônica



## Índice de pessoas e povos indígenas\*

- Abipone *indígenas* 153
- Acatu, Christobal / Cristoval *cacique da redução San Luis* 115
- Aguilar, Hernando de *jesuíta* 34, 94
- Altamirano, Cristóbal *jesuíta* 51, 87
- Altamirano, Lope Luís *jesuíta* 85, 109-10, 146, 162
- Anchieta, José de *jesuíta* 43, 50
- Andonaegui, José de *governador* 39, 107, 118, 125
- Andrade, Gomes Freire de *militar* 99-100, 114-6, 128, 147-151
- Aragona, Alonso de *jesuíta* 50
- Araujo, Antonio *jesuíta* 43
- Arayecha, Miguel *militar* 120, 124-5
- Aquaviva, Claudio *jesuíta* 49
- Balda, Lorenzo *jesuíta* 100
- Botero, Giovanni *jesuíta* 45
- Bucareli, Francisco de Paula *governador* 80, 168-74, 177
- Cabrera, Pedro de *jesuíta* 122-4
- Caciques / *índios principais* 30, 69-73, 75-6, 79-80, 85-6, 90, 108-9, 115, 118, 124, 129-30, 146, 158, 162, 168, 172-3, 177-80, 186, 188
- Capiy, Cristóbal *corregedor da redução Santo Tomé* 74
- Cardiel, José *jesuíta* 73, 77, 100
- Carlos III *rei* 168-9, 181
- Cavallaria, Juan de Antonio *maestro de capilla* 86
- Cevallos Pedro de, *governador* 154, 170
- Conde de Aranda (Pedro Pablo Abarca de Bolea) *militar* 168
- Companhia de Jesus / *Jesuítas* 38, 45, 49, 55, 57, 61-3, 73, 91-2, 94, 109, 141-2, 148, 150, 158, 167-9, 173
- Clarque, Tomás *jesuíta* 115
- Curigá, Juan Antonio *secretário* 171
- Cuaracy, Francisco *secretário* 122
- Charlet, Luis *jesuíta* 100, 103, 160
- Chaury, Pedro *corregedor* 122
- Durán, Mastrilli *jesuíta* 72
- Echavarría, Juan *comissário* 105
- Eranda (Aranda), Christobal / Cristoval *militiano da redução San Miguel* 127
- Escandón, Juan de *jesuíta* 38-9, 83, 103, 149, 175
- Felicitas *índia da redução La Cruz* 63-5
- Garay, Juan Bautista *jesuíta* 186
- Gómez, Cristóbal *jesuíta* 87
- González, Roque *jesuíta* 159
- Graell, Francisco *escrivão* 100, 120, 125-7
- Guacú, Francisco *corregedor da redução San Luis* 115
- Guaicuru *indígenas* 153
- Guañurúma, Miguel *corregedor da redução Yapeyú* 155
- Guapayu, Eustaquio *professor de crianças da redução La Cruz* 86, 180
- Guaracuye, Juaquin *miliciano da redução La Cruz* 127
- Guarapy, Diego *miliciano da redução Santo Ángel* 131
- Guiraygue, Christobal *professor de música da redução La Cruz* 86, 181
- Guaycho, Miguel *corregedor da redução San Juan* 162
- Henis, Tadeo Xavier *jesuíta* 100, 103, 116-7
- Jarque, Francisco *jesuíta* 32, 75
- Lery, Jean de *missionário e escritor* 44
- Loyola, Inácio de *jesuíta* 89
- Machoni, Antonio *jesuíta* 75-6
- Mayra, Miguel *miliciano indígena* 121, 123
- Mbaiugua, Pedro *caudilho da redução San Carlos* 90-1
- Mbaruari, Alejandro *miliciano indígena da*

\* Não entram no índice autores de livros e artigos da época moderna.

- redução San Miguel* 110
- Mbaruari, Miguel *miliciano indígena da redução San Miguel* 124
- Navarro, João de Azpilcueta *jesuíta* 43
- Ndachev, Ignacio *secretário de cabildo da redução San Lorenzo* 164
- Nebrija, Antonio de *escritor* 50
- Nerenda, Chrisanto / Crisanto *mayordomo da redução San Luis* 134, 147-52, 160-1
- Neumann, Juan Bautista *jesuíta* 94
- Nieremberg, Juan Eusebio *jesuíta* 94
- Nóbrega, Manuel da *jesuíta* 49,
- Nusdorffer, Bernardo *jesuíta* 38, 63-4, 95, 100, 103, 149-50
- Ñeendy, Joseph *alcaide da redução Santo Ángel* 131
- Mbocan, Juan *indígena da redução San Miguel* 131
- Pai, Juan *professor de escola da redução San Francisco Javier* 84
- Payaré, Gabriel *cacique da redução San Miguel* 124
- Paracatu, Rafael *cacique da redução Yapeyú* 111, 113-4
- Patrón, Nicolás *governador* 118, 150
- Peramás, José Manuel *jesuíta* 82, 97, 157-9
- Pombal, Marquês de (Sebastião José de Carvalho e Melo) *primeiro ministro de Portugal* 37, 168
- Porcel Jerónimo *jesuíta* 54
- Potira, Tomás *corregedor da redução San Francisco Javier* 84
- Província Jesuítica do Paraguai 32; de Tucumán 94
- Quarasy, Francisco *miliciano da redução San Nicolás* 131
- Quirino, Manuel *jesuíta* 146, 149-150
- Rábago, Francisco *jesuíta* 118
- Rada, Andrés de *jesuíta* 91
- Restivo, Pablo *jesuíta* 57, 96
- Rodrigues da Cunha, Jacinto *escrivão* 100, 125-6
- Ruiz de Montoya, Antonio *jesuíta* 43, 50-2, 56-7, 62, 68, 83, 96, 163
- Salcedo, Miguel de *governador* 163
- Sanna, Pedro *jesuíta* 64
- Schmidl, Ulrico *militar e cronista* 44
- Sepp, Anton *jesuíta* 84, 88
- Serrano, José *jesuíta* 94
- Silva Neves, Manuel da *escrivão militar* 115
- Souza Faria, Francisco de *militar* 122
- Staden, Hans *militar e explorador* 44
- Tape *indígenas* 147
- Techo, Nicolás del *jesuíta* 142
- Thevet, André *franciscano* 44
- Tiarayu, José (Sepé) *corregedor da redução San Miguel* 120-1, 127, 174
- Tiarayu, Simon *alcaide da redução San Miguel* 124
- Tirapare, Pascual *corregedor da redução San Miguel* 110
- Tupayu, Antonio “maestro de capilla” da *redução La Cruz* 181
- Tuy, Joseph *indígena da redução* 131
- Valdelirios, Marquês de (Gaspar de Munive) 39, 99, 103, 113, 117-8, 132, 150, 155
- Viana, José Joaquin de *militar e governador* 39, 120, 150, 174
- Yapuguay, Nicolás *cacique e músico da redução Santa María Mayor* 38, 96
- Yaguapó, Pasqual *liderança guarani* 120
- Yaró / Yaro *indígenas* 131
- Ybabe / Ybae, Marcos *professor de música da redução La Cruz* 86, 181
- Ybariguá, Valentin *miliciano da redução San Miguel* 173-4, 178
- Ybarena, Primo *secretário da redução San Miguel* 173, 175-8
- Yrama, Hilario *alcaide da estância San Antonio* 128-30, 132
- Y(ra)rrazaval, Manuel Antonio de *franciscano* 181-2
- Zambyyu, Ignacio *miliciano da redução San Nicolás* 131
- Zavala, Francisco Bruno de *governador* 80, 130, 132, 162, 171, 173-6, 179, 181
- Zurbano, Lupércio *jesuíta* 141

## Índice de lugares

- Aguapey Miri *rio* 145
- América *colonial* 34, 37-4, 54, 80-1, 101, 158  
*do Sul* 43-5, 50, 53, 94, 99, 168, 194  
*hispanica* 27-8, 30, 47-8, 67, 93, 99, 104, 107  
*meridional* 43, 65, 101, 118, 122, 128, 147  
*portuguesa* 47, 49, 70, 171
- Buenos Aires *cidade* 80, 90, 103-4, 107, 109, 116, 122, 153, 155, 163, 168, 170, 172-6, 180, 183, 185, 188, 192
- Caiboaté *cerro* 39, 120-1, 123-4, 127, 174-5, 193
- Chaco *região* 154
- Colônia do Santíssimo Sacramento *forte / cidade* 33, 74-5, 99, 144-5
- Concepción, Nuestra Señora de la (Tape) *redução* 107, 122
- Corpus Christi (Paraná) *redução* 144-5, 158
- Corrientes *cidade* 108, 118, 155
- Cruzes dos Tapes *campos* 122
- Espanha 35, 40, 54, 60, 99, 125, 175, 192
- Jacuí *rio* 148
- La Cruz (Uruguai) *redução* 39, 63, 86, 127, 146, 154, 159, 180-1
- Laguna *vila* 122
- Lisboa *cidade* 37
- Madri *cidade / tratado* 33, 50, 56, 99, 105, 107, 117, 120, 149, 155, 168, 170
- Mborore *cerro* 142
- Nova Espanha 69, 91, 93
- Nuestra Señora de Fe del Taré / Santa María de Fe (Itatim) *redução* 153
- Nuestra Señora de la Encarnación de Itapúa *redução* 142
- Nuestra Señora de Loreto de Pirapó / Nuestra Señora de Loreto de Yabebyry (Guairá) *redução* 32, 75, 96, 186
- Paraguai *provincia / missões* 27-8, 38, 45, 49, 50-1, 55-6, 58, 61, 63, 67, 70, 72, 91, 94, 99, 110, 144, 159, 167-8, 191
- região / colonial* 28, 31, 37, 44-5, 49-50, 54-6, 58, 74-5, 83, 88, 91, 97, 102, 141
- indígenas* 69, 167
- Paraná *reduções* 76, 127, 171  
*rio* 28, 44
- Paso de Ybucuy *estância* 129-30
- Portugal 74, 87, 99, 125, 168, 192
- Rio da Prata 29, 43-4, 74, 99, 144, 157, 172
- Rio Grande *vila* 115-6
- Rio Pardo *forte* 147, 150
- San Antonio *estância* 128
- San Carlos de Caapí / San Carlos Borromeu (Tape) *redução* 90-1, 145
- San Cosme y San Damián (Tape) *redução* 29
- San Francisco de Borja (Tape) *redução* 29, 107, 127, 131, 146
- San Francisco Javier (Uruguai) *redução* 84, 88, 96, 124, 126, 158  
*estância* 126
- San Ignacio Guazú de Yaguaracamygtà / San Ignacio del Paraguay / San Ignacio del Paraná / San Ignacio (Paraná) *redução* 142, 153
- San Ignacio de Ypaumbucú / San Ignacio Miní / San Ignacio del Yabebyry (Guairá) *redução* 70, 73, 158
- San Juan Bautista (Uruguai) *redução* 29, 107, 109, 117, 122, 125, 162
- San Luis Gonzaga (Tape) *redução* 29, 114-5, 117, 125, 147-8, 151, 160, 171, 175  
*estância* 127
- San Lorenzo Mártir (Tape) *redução* 29, 115, 125, 150, 156, 163-4
- San Miguel Arcángel (Tape) *redução* 29, 86, 106-7, 108, 110, 117, 122, 172-4, 176-7  
*estância* 107
- San Nicolás de Piratiní (Tape) *redução* 29, 95, 104, 107-8, 109, 124, 129, 131
- Santa Fé *cidade / vacaria* 108, 122

- Santa María la Mayor del Yguazú / Nuestra Señora de las Nieves (Paraná) *redução* 86
- Santa Rosa de Lima (Paraná) *redução* 153
- Santiago Apóstol (Paraná) *redução* 153
- Santo Ángel Custodio (Tape) *redução* 29, 107, 115, 126, 129, 131-2
- San(to) Tomé (Tape) *redução* / *estância* 74, 127, 146
- São Lourenço (Rio de Janeiro) *aldeia* 109
- Uruguai *reduções* 76, 95-100, 121  
*rio* 28-9, 99, 142
- Vaquería de los Pinares *vacaria* 122
- Yapeyú, Nuestra Señora de los Santos Reyes Magos de (Uruguai) *redução* 113, 127, 145-7, 155, 157, 179,  
*estâncias* 113
- Ybabiyyu 127